A MODA NOS ESPAÇOS DESTERRITORIALIZADOS

FASHION IN NON-TERRITORIAL SPACES

MÁRCIA M. COUTO MELLO

Universidade Salvador/UNIFACS (Coordenadora e professora do Curso de Design em Moda) e Universidade Federal da Bahia /UFBA (Doutoranda no PPG em Arquitetura e Urbanismo). E-mail: mellomarcia@uol.com.br

ARIADNE MORAES SILVA

Universidade Federal da Bahia (Professora do Atelier II de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e mestranda do PPG em Arquitetura e Urbanismo, na linha de Processos Urbanos Contemporâneos). E-mail: ariadnemoraes@hotmail.com

RESUMO

Parte integrante de uma pesquisa que está sendo desenvolvida, de forma transdisciplinar, nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e Moda, para uma tese de doutorado, intitulada: *"As interferências entre a Arquitetura, o Urbanismo e a Moda na definição de uma estética para o século XXI"*, este estudo, ainda em sua fase inicial, levanta questões sobre as inter-relações entre o indivíduo e o seu meio, para a construção imagética das cidades – mais especificamente, busca complementar uma das questões que foi anteriormente abordada, sobre os indivíduos desterritorializados.

PALAVRAS-CHAVE: espaços desterritorializados; moda.

ABSTRACT

This study is part of an ongoing research carried out through a cross curriculum doctorate thesis entitled *"The interferences amongst Architecture, Urbanism, and Fashion in the definition of an aesthetic for the XXI century"*. The thesis approaches the role of the "behaviours" and "fashions" in the imagetic constructions of the cities and it has as its main objective to confirm subjects already discussed by the author about the non-territorial individue of this century.

KEYWORDS: non-terrirorial spaces; fashion.

INTRODUÇÃO

De acordo com estudos que vêm sendo desenvolvidos, com o objetivo de compor uma pesquisa mais ampla, intitulada: *"As interferências entre a Arquitetura, o Urbanismo e a Moda na definição de uma estética para o século XXI"*, tema da tese de doutorado a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal da Bahia, pode-se dizer que, vem se constatando que as modas e os modos dos indivíduos que coexistem nos centros urbanos participam, efetivamente, da construção de imagens para as cidades. Este artigo, além de registrar a continuidade dos estudos nessa área, tem como foco específico fazer considerações sobre as relações dos indivíduos e seus processos de subjetivação com os espaços intangíveis, ao expor algumas inquietações que surgem em paralelo às conclusões preliminares da pesquisa científica anteriormente documentada, pelo fato de se observar uma contínua formatação dos modos, explícitos no comportamento dos sujeitos contemporâneos, neste momento em que a interconectibilidade assume a condição de interface entre as pessoas e os seus espaços de convivência.

DESENVOLVIMENTO

Para que se fundamentasse o enunciado de que as pessoas, assim como a arquitetura e o urbanismo compõem as imagens das cidades, partiu-se da premissa de que o indivíduo e a

sua busca instintiva de adaptação ao seu meio, visando obter conforto físico e emocional, tornam-se agentes responsáveis por grande parte dos preenchimentos e aproveitamentos que são dados aos espaços. Observou-se que os transeuntes estão inseridos à composição das paisagens urbanas, ao se analisar diversas colocações feitas, em estudos científicos específicos sobre a construção de imagens para as cidades, por autores como Lynch (1999), Ferrara (2000), Pesavento (1999), Mello (2004) que, algumas vezes não explicitam, outras não aprofundam suas observações sobre a importância da aparência dos indivíduos que circulam nos centros urbanos, entretanto, não deixam de comentar sobre a sua participação na composição imagética, que, para eles, é compreendida como um todo (MELLO; SABACK, 2008, p. 19-29).

Concluiu-se, portanto, haver relações que se constroem em complexas redes de conexões de elementos heterogêneos, em constante processo de transformação, e que se estabelece entre o urbanismo, a arquitetura e a moda, refletidos nas paisagens urbanas. Todavia, vale ressaltar que, são os modos e as modas que representam essa linguagem de comunicação coletiva, ao personificarem conceitos que, além de definirem padrões estéticos e éticos, induzem às mudanças comportamentais nas sociedades. Sempre como uma linguagem de comunicação imagética, as “modas” representam de forma real ou ideal, uma engrenagem exemplar dos infinitos modos do pensar coletivo, contagiando as pessoas pelo desejo de refletir uma estética idealizada, seja da imagem do seu corpo, da sua casa, ou da sua cidade (MELLO; SABACK, 2008, p. 19).

Além dos adventos tecnológicos, deve-se ao macro-ambiente e ao cenário do mundo, que se constitui a partir dele, a adoção das modas, que determinam o uso e as transformações das aparências dos indivíduos e das suas preferências espaciais, para habitar e conviver. Entendeu-se que os transeuntes compunham, em harmonia com a arquitetura e o traçado urbano, as imagens para as cidades, caracterizando-as, a ponto de vestirem-se com o espírito dos lugares, ou podendo até transformá-las até em produtos modais (MELLO; SABACK; MARIANO, 2008, p. 308-9).

As constatações feitas têm por base uma série de argumentações que remontam, inclusive, sobre o cenário do mundo que se industrializava, na virada do século XIX, quando as cidades representavam "a alegoria da modernidade" – panorama fundamental para que Walter Benjamin (2000 *apud* MELLO; SABACK, 2008, p. 25), a partir da "alegoria do *flâneur*", descrevesse os transeuntes como andarilhos urbanos, que se transformavam nos ícones das cidades que se modernizavam e de suas multidões de expressão coletiva.

O contexto pós-moderno da segunda metade do século XX trouxe uma certeza de que tudo que era sólido realmente se desmancharia no ar, conforme afirmou Marshall Berman (2007, p. 11-7), a partir da frase de Karl Marx, e de uma de uma ótica política, goetheana, marxista e baudelairiana, ao analisar a leitura que poderia ser feita da vida, real e ficcional, das pessoas nos ambientes espaciais e sociais. Entendia que a comunicação e o diálogo tornavam-se uma necessidade crucial no momento pós-moderno, em que a subjetividade e a interioridade se enriqueciam e se desenvolviam. O autor, ao criticar o projeto urbanístico de Brasília, enfatizou a necessidade da comunicação entre as pessoas, como fontes de deleite, e, parte de argumentos feitos por alguns pensadores, como Georg Simmel, cujo nome figura entre os mais importantes autores das teorias que ainda hoje conceituam a moda, para advertir que os contatos pessoais seriam determinantes para o modo com que organizamos nossas cidades e nossas vidas. Entende-se que através dos contatos pessoais, os diálogos poderiam ser travados de forma mais abrangente, pois, a leitura imagética dos sujeitos também estaria fazendo parte da comunicação. De certa forma, a partir dali, os caminhos seriam cada vez mais largos e abertos. Inserir homens e mulheres no contexto moderno, não como objetos, mas como sujeitos da modernização, produziria um diálogo entre o passado, o presente e o futuro, para estabelecer uma visão heterogênea e híbrida que transcenderia as fronteiras do espaço físico e social. Estabeleceu-se uma união que começava a ultrapassar as barreiras físicas, antes mesmo de a tecnologia ter se incumbido de romper efetivamente com elas.

Quase ao mesmo tempo, nos pensamentos pós-estruturalistas, defendidos por Roland Barthes, Michel Foucault, Jaques Derrida, Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard, Félix Guattari e Gilles Deleuze, também aparecem exaltadas as questões do individualismo subjetivo e dos múltiplos territórios de coexistência. Ao analisar a micropolítica do cotidiano e as revoluções moleculares, propostas por Deleuze e Guattari (1996, p. 83-116), Silva (2008, p. 36) percebe a cidade como o território das relações humanas e verdadeiros

palcos de coexistência, destacando as arenas de coalizão de forças políticas, sociais, culturais, econômicas ou estéticas, de intensidade de *quanta* e de diferenças – toda uma gama de multiplicidades de ações e de modos de vida.

Em suas pesquisas, Silva (2008 p. 39) questiona: quais são os nossos subterfúgios existenciais, como se dá a produção da subjetividade nas metrópoles, e, de que maneira o indivíduo, então, se posiciona nesse território – onde existe um incessante bombardeio de seduções, informações e consumo? Cita, inclusive, que Georg Simmel, em 1902, já advertia para a necessidade de se fortificar o intelecto criticamente, para que se criasse uma certa proteção da vida "individual", frente ao poder avassalador da vida metropolitana, mas ao mesmo tempo, entende que a subjetividade também se produz a partir das maneiras de existir, nem sempre visíveis, e que já que não estão aprisionadas apenas na esfera do pensamento, mas que se articulam em zonas de vizinhança, ou seja, em suas relações à volta. Obviamente que, tais formulações, jamais estão dissociadas de lógicas de saberes e poderes.

Desde aquela época, Simmel se coloca a investigar de que forma a personalidade do indivíduo se acomoda nos ajustamentos das forças externas, a partir da base psicológica do tipo metropolitano de individualidade definindo blocos de estímulos e sensações criados pela metrópole. Na verdade, a própria existência humana têm se debatido com essas indagações e convivido com certas máquinas sociais que acabam impondo processos de nivelamento e homogeneização do comportamento engendrado por mecanismos sócio-tecnológicos. É como se existisse um sistema de "modelação" das subjetividades. Para Félix Guattari (2006), a subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou dos "matemas do Inconsciente", mas também pelas grandes máquinas sociais, mass-mediáticas, lingüísticas, que não podem ser qualificadas de humanas. Na contemporaneidade as transformações tecnológicas acabam nos obrigando a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade – é a tal da produção maquínica da subjetividade e os aparelhos sociais de controle.

Contudo, enquanto se entende que as cidades são espaços reais, onde os indivíduos transitam e interagem com tudo que está à sua volta, admite-se que os territórios são atravessados por inúmeras linhas de desterritorializações, de acordo com Deleuze e Guattari (1997, p. 179-215), a partir da conceituação de espaços lisos e estriados, onde se projetam os indivíduos de características nômades e sedentários (MELLO, 2008, p. 83). Independente das suas concepções, materiais ou imateriais, são nesses espaços de convivência onde se estabelece uma multiplicidade de comunicações entre os sujeitos que nele coexistem. Seus modos e suas conseqüentes modas, refletidos nas suas aparências, adaptam-se às condições impostas pela espacialidade e provocam uma contaminação de senso amplo, traduzindo maneirismos comportamentais. São estabelecidas relações que, na verdade, ultrapassam as bases binárias e dialéticas, de causa e feito, onde se constata o declínio da representação enquanto percepção macro (molar) e como estrutura de uma identidade globalizante. A arquitetura, o urbanismo, a moda e suas representações na cidade obedecem a lógicas que nem sempre são unívocas ou totalizantes, mas que contaminam e se deixam contaminar por diversas esferas e suas interfaces, sejam do campo da arte, da filosofia ou da ciência. Até mesmo as manifestações que não estão "tabuladas" pelos cânones homogêneos de poder, são entendidas enquanto possibilidades de formação de novos territórios, onde outras formas de percepção intempestivas emergem em contra-posição ao pensamento dominante, a exemplo das micro-ações (moleculares), das ditas "artes menores", das expressões coletivas do cotidiano, das correntes marginais. Aspectos impregnados naquilo que podemos chamar de "geografia informal" da cidade - *locus* do desterrritorializado, aquele que não se deixa decodificar pelos aparelhos sociais de controle.

Associar a pluralidade das concepções espaciais às características subjetivas, efêmeras e mutantes, predominantes no universo contemporâneo, induzem a reflexões, que levantam uma série de novos questionamentos e exigem um olhar mais sensível e ávido, para que se observem os modos e as modas que são adotadas a partir do século XXI, onde a tecnologia promove uma interconectibilidade quase sem limites.

Vale ressaltar que, esses questionamentos que estão sendo levantados neste trabalho, encontram-se ainda na fase embrionária de uma pesquisa que exigirá mais algumas reflexões sob novas óticas, para que se construam considerações sobre as relações que

poderão ser estabelecidas entre o espaço e a contextualização dos sujeitos na sua composição imagética, representados pelos seus modos e as suas modas.

As questões entre os espaços e suas imagens, reais e/ou virtuais, existem desde sempre. Em paralelo ao processo de industrialização, houve uma crescente valorização das imagens que poderiam ser concebidas sobre alguma coisa, principalmente para as sociedades que se modernizavam, e, junto aos conceitos pós-modernistas elas se confirmaram, também em relação aos indivíduos, quando se cogitou que a imagem poderia representar as coisas e as pessoas de forma mais completa, independente da sua fidedignidade. Contudo, talvez, uma sensível diferença se faça no atual contexto, no que tange às convivências e inter-relações virtuais que agora são possibilitadas pela tecnologia. A interconectibilidade, que transpassa o universo contemporâneo, imprime uma nova velocidade às idéias que concebem as imagens dos sujeitos performáticos nos espaços intangíveis. Espaço liso[1] é o espaço nômade, onde se desenvolve a máquina de guerra, que faz *front* ao agenciamento imposto pelas máquinas axiomáticas dos aparelhos do Estado, das corporações ou da mídia. Como o feltro, uma espécie de anti-tecido – um emaranhado de fibras que de modo algum é homogêneo. O nômade, o desterritorializado, ao tecer, ajusta sua vestimenta e sua própria casa ao espaço exterior, ao espaço liso onde o corpo se move; ao contrário dos sedentários, onde seus tecidos integram o corpo e o exterior a um espaço fechado. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 181).

Os indivíduos se comunicam subjetivamente (ou melhor, em seus processos de subjetivação produzidos em esferas coletivas) e seus espaços de convívio tendem a se tornar cada vez mais virtuais. A cada dia, é mais comum que as relações entre as pessoas, reconhecidamente individualizadas, se confirmem através das redes interconectadas por satélites, sejam elas profissionais, comerciais, sociais, familiares ou afetivas. O desterritorialismo se confirma a cada momento e as cidades, à proporção em que se transformam, começam a ser percebidas e sentidas como corpos sem órgãos, de acordo com os pensamentos rizomáticos. Além disso, criam-se novos espaços de convivência que são essencialmente intangíveis e neles são propostas até vidas paralelas, a exemplo do que ocorre no *Second Life*.

[1] A configuração de um espaço liso não implica em uma homogeneização, muito pelo contrário, trata-se, muitas vezes, de um espaço amorfo, informal e que se agencia em variações.

Perante o atual contexto, onde as distâncias se encurtam a cada momento, as modas parecem comungar às necessidades impostas por esses modos contemporâneos de viver, elegendo alguns produtos que são propostos pela tecnologia para atender às necessidades do desterritorialismo interconectado, como os *iPods*, que permitem armazenar em poucos centímetros uma aparelhagem de som, os *lap-tops* e os *pen-drives* que carregam itinerantemente os arquivos de um escritório, os telefones celulares, que além de representarem uma inter-comunicação permanente, têm múltiplas funções que condensam alguns itens básicos do cotidiano: filmam e capturam imagens fotográficas, enviam imagens e textos, conectam com a *internet*, acumulam músicas em MP3, transmitem sinais de tv via *web*, acessam o *Second Life*, e ainda servem como agendas, calendários, calculadoras, despertadores, localizadores do tipo GPS, além de proporcionarem jogos de entretenimento. Os corpos, cada vez mais adaptados ao atual contexto, também se transformam rapidamente de acordo com os padrões estéticos contemporâneos, cada vez mais efêmeros, e se recobrem por tecidos inteligentes, naturalmente amassados, propositalmente puídos e desbotados, que são tecnologicamente concebidos, com propriedades hidro-repelentes, bacteriostáticas, termo-adaptáveis às "*less stations*".

DISCUSSÃO

Como interpretar as modas do século XXI, a partir dos conceitos que foram criados quando os indivíduos tinham nos seus bens tangíveis, do vestuário e da habitação, uma linguagem de comunicação coletiva? Como efetuar leituras imagéticas dos indivíduos contemporâneos, das condições da construção de suas subjetividades e de seus processos de subjetivação, e o entendimento da desterritorialização enquanto pontos de fuga aos agenciamentos estratificados, que, através das suas modas e dos seus modos, buscam um meio de representação nos espaços intangíveis de convívio social?

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Schwarcz, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Mil platôs*. vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Edusp, 2000.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. *Espaço e Poder*: a criação dos territórios na Cidade. In: Espaço & Debates, n.16, São Paulo: NERU, 1985, p.109-120.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MELLO, Márcia M. Couto. *Salvador Multimagética*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

MELLO, Márcia M. Couto; SABACK, Virginia. Modos, modas e cidade: uma só imagem. In: SILVA, Liliane F. M. da; VIANA NETO, Joaquim; SILVA, Ariadne M. (org.) *Paisagens mediadas:* olhares sobre a imagem urbana. Salvador: UNIFACS, 2008.

MELLO, Márcia M. Couto. Design, moda, arquitetura e urbanismo: uma geometria transversal. In: Pires, Dorotéia B. (org.) *Design de Moda:* olhares diversos. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

MELLO, Márcia M. Couto; SABACK, Virginia; MARIANO, Liliane. Paisagem urbana: uma construção através dos modos e das modas. In: TERRA, Carlos G.; ANDRADE, Rubens O. de. (orgs.) *Materialização da paisagem através das manifestações sócio-culturais*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

SILVA, Ariadne Moraes. *Entre processos e perceptos:* do star system às multiplicidades de expressões estéticas nos projetos contemporâneos. Projeto de dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade* – visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

CURRÍCULO RESUMIDO DA PRIMEIRA AUTORA:

Márcia M. Couto Mello - Doutoranda e Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Coordenadora e professora do Curso em Design e Gestão de Moda e professora pesquisadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Salvador (UNIFACS). Edições em livros: *Salvador Multimagética* (2004); *Barthes: textos e anotações sobre moda* (2007); *Design, Moda, Arquitetura e Urbanismo: uma geometria transversal* (2008); *Paisagem Urbana: uma construção através dos Modos e das Modas* (2008); *Modos, Modas e Cidade: uma só imagem* (2008).